

Trumpismos pós-Trump

Via [Viento Sur](#)

Que a natureza espetacular das peles de raposa nativista, os falsos chifres jamiroquinos e as seitas ultras não nos impeçam de ver a floresta. Por que não: não foi um golpe de Estado. E não apenas por causa de seu resultado final. Nem sequer foi uma tentativa fracassada, mas sim uma revolta trumpista ou, como Mike Davis escreveu recentemente, uma insurreição apenas em versão de humor ácido.

O que aconteceu nesta quarta-feira, 6 de janeiro, no Capitólio, em Washington, foi muitas coisas e tem numerosos derivados possíveis e leituras necessárias, mas estaríamos errados ao lê-lo através do prisma de um golpe falido. Porque não era sua intenção, nem tinha um plano para isso ou os recursos para realizá-lo. Isto não significa que esta não foi a motivação e o sonho úmido de uma boa parte daqueles que participaram da ação, nem que ela não foi organizada ou que não respondeu a uma estratégia. Somente que esta estratégia não era tomar o poder ali mesmo. E, no entanto, naquele dia, elementos e fenômenos que deveriam ser acompanhados de muito perto foram claramente mostrados e acelerados. Aqui estão alguns deles.

A amálgama do trumpismo

Durante anos estivemos imersos em um debate um tanto inoperante sobre o que é e o que não é fascismo, e até que ponto personagens como Trump são fascistas em essência. E ainda assim, há uma realidade muito mais palpável e verificada: Trump conseguiu dar um estandarte sob o qual reunir desde setores neoliberais libertários, supremacistas brancos, nativistas, incels, anti-feministas, conspiradores e negacionistas, até a nova direita cristã com uma forte presença evangélica. Sem ignorar a impressão dos precedentes

mais próximos: as mobilizações do Tea Party em 2009 ou a ascensão de uma contracultura de troll na internet e nas redes sociais chamadas Alt Right.

De fato, o cenário dos manifestantes que ocuparam o Capitólio lembrava muito o do Tea Party contra os resgates aos bancos, da mesma forma que as redes sociais como a Discord foram fundamentais para coordenar os manifestantes em 6 de janeiro. Tal como nos protestos e motins de Charlottesville de 2017, por exemplo, que resultaram na morte de um ativista de direitos civis e em 19 feridos.

Todas essas migalhas já estavam lá. Entretanto, a grande novidade que Trump aportou é que ele conseguiu reunir todo esse magma de extrema-direita, transportando-o das margens da cena política americana para a própria Casa Branca. Esta viagem ao centro do poder presidencial tem moldado uma espécie de movimento político diversificado que poderíamos chamar de trumpismo, e que tem acompanhado o presidente durante toda a legislatura. Com uma presença importante nas ruas e nas redes sociais, esta nebulosa trumpista tem mantido uma relação sem precedentes e singular de apoio e pressão para o governo e para o próprio Partido Republicano, tornando-se em alguns casos autênticos grupos de choque paramilitares do Trump, como pudemos verificar nas ações contra as mobilizações da Black Lives Matter.

Esta tensão de apoio e pressão acentuou uma polarização política que não só ampliou a tradicional brecha entre republicanos e democratas que estrutura o jogo de espelhos do sistema partidário americano, mas também radicalizou posições dentro dos próprios republicanos, que há anos estão profundamente divididos entre os trumpistas e seus detratores. A pesquisa do YouGov de 7 de janeiro mostra que a maioria dos eleitores republicanos aprova o assalto ao Capitólio, em contraste com a condenação quase unânime do aparato do Partido Republicano.

Trumpismo além do Trump

No dia 20, Biden tomará posse como Presidente dos Estados Unidos, retirando Trump e sua comitiva das instâncias do Estado. Uma situação que levanta uma importante questão sobre como isso afetará a recente ascensão do organismo de direita e da ação coletiva (e sim, também o terrorismo), seja em sua versão lobo solitário ou em grupúsculos ultra, conspiratórios, racistas, ultramachistas, negacionistas, ou todos os acima misturados e bem agitados. E isto, em um país tão dado à espetacularidade e às armas, não deve ser tomado como uma mera anedota durante o próximo ciclo.

É verdade que, quando o caminho institucional estiver fechado naquele dia, uma opção será a desmotivação e desmobilização. Como Richard Seymour escreve, “a desmoralização está desmobilizando”. Entretanto, a corrente subterrânea da raiva, o mito da traição (“nosso voto foi roubado”) e a realidade alternativa elaborada por Trump e amplamente compartilhada pelos eleitores republicanos será alimentada nos próximos anos por uma elaborada e hábil indústria de “desinformação” de extrema-direita. Não podemos subestimar a capacidade de Trump de aproveitar a ascensão do que Daniel Bensaïd chamou de “identidades obscuras” diante do declínio dos laços de solidariedade de classe.

Embora, talvez, o primeiro desafio que o trumpismo terá que enfrentar serão as rupturas internas, que já se acentuaram nos últimos tempos e que o assalto ao Capitólio demonstrou, especialmente entre seu vice-presidente Mike Pence, representante dos teocons da nova direita cristã evangélica, e o trumpismo. De fato, desde 6 de janeiro, aumentou a pressão sobre Pence por parte dos Democratas e de grande parte do Partido Republicano para aplicar a 25ª Emenda, o que não só deporá Trump, mas também o desqualificaria para concorrer à reeleição. É claro que esta situação é o que todo o establishment americano gostaria, já que a curto prazo lhes permitiria reduzir o trumpismo à loucura de um Nero que tentou

incendiar Roma, psicologizando estes anos como o pesadelo de um louco em vez de enfrentar a dura tarefa de analisar o fenômeno político do trumpismo e, acima de tudo, assumir suas próprias responsabilidades.

Mas, embora eleitores minoritários e derrotados, não podemos evitar o fato de que o trumpismo é um fenômeno social de massa que, uma vez perdido o canal na Casa Branca, poderia procurar saídas inesperadas e subterfúgios. A vida e o caminho extra-institucional do Trumpismo ainda não foram escritos, mas o assalto ao Capitólio no outro dia não é exatamente o primeiro episódio de sua capacidade demonstrada e tendência a explorar outras formas muito menos formais e pacíficas de agitar as águas políticas. O que quer que aconteça a Trump, desde a aplicação da 25ª Emenda até um assédio à sua galáxia comercial, assim que ele perder a imunidade presidencial, qualquer ataque só reforçará o rótulo de forasteiro e anti-establishment que ele tão voluntariamente cultivou e explorou ao longo dos anos. Sem mencionar o reforço positivo para sua vitimização e imagem como um mártir popular. Embora, se as coisas se complicassem demais, também não seria tão relevante, porque, se fosse assim, quem precisa de Trump tendo o trumpismo?

Liberais rima com iliberal

No vidro quebrado do espelho de Trump quase todos os outros se parecem melhor. O aparato do Partido Republicano tentará finalmente soltar o lastro, dissociar-se da herança de Trump e assim iniciar sua chamada operação regenerativa (outra coisa é como administrar uma base que ama o defenestrado). Sem dúvida o tumulto no Capitólio favorece esta operação de curto prazo, como mostra o fato de que antes dos tumultos, pelo menos 13 senadores republicanos (de 53) e mais de 100 representantes (mais da metade do total de 197 republicanos na Câmara) planejavam contestar os resultados eleitorais em vários estados. Após os tumultos, a maioria desses representantes mudou seu foco e não contestou o resultado da eleição. Apesar

disso, os dados acima mostram até que ponto o radicalismo de direita permeou o Partido Republicano e seus representantes, o que não parece ser fácil ou rápido de ser redirecionado por parte de seu aparelho.

Por sua vez, o recém-chegado Biden começará com amplo crédito para se lançar no jogo de transformismo. Desta forma, o Partido Democrata poderá se apresentar novamente como o expoente máximo do neoliberalismo progressivo e uma grande alternativa redentora com carta branca para fazer quase o mesmo sem maiores exigências do que o contraste formal com seu antecessor. E qualquer um que critique os próximos cortes sociais, a repressão policial ou a invasão militar será encaminhado à sombra legitimadora de longa data da franja ruiva. E para calar a boca. Esse será o momento de vislumbrar até que ponto o movimento anti-racista ou o novo socialismo democrático americano serão capazes de se diferenciar da operação de marketing de Biden e Kamala Harris, propondo sua própria agenda independente do governo democrata.

Em resumo, na agenda do establishment, as coisas estão claras: virar a página o mais rápido possível e deixar o sistema bipartidário americano voltar ao bom caminho em seu turno e, com ele, fazer as coisas como sempre. Desta forma, o centro neoliberal extremo voltará a escrever a história do Fim da História e do Alasca à Flórida, passando por Paris e Jaén, o pedido de desculpas das instituições democráticas e do Estado de Direito ecoará mais uma vez depois de passar no teste ácido do capítulo especial do The Walking Dead edição Capitólio. Mas, alerta de spoiler, no final se revela que o sonho liberal do estado neutro era aquele que produzia monstros.

E por falar em monstros, nada como referir-se novamente a uma futura grande América para esconder sem sucesso as inseguranças e os medos daqueles que acreditam que seus privilégios auto-atribuídos de ontem e de sempre estão sendo questionados. Encontrar mulheres nos corredores movimentados do Capitólio parecia uma reedição televisiva de Where's Wally?

Porque, está bem, not all (white) men, mas quase todos os que estiveram lá são [homens brancos]? Quantas masculinidades danificadas e assustadas estão por trás das reações políticas violentas que alimentam a International Reacionária?

O mal-estar mutante na desordem global

Se é uma superpotência nos bons e maus momentos. Que para algo Hollywood estava sempre encarregado de colocar no chão e sotaque ianque tanto as saudações heróicas da humanidade como as invasões alienígenas e as passarelas dos meteoros destruidores. E não foi menos para mostrar ao mundo ao vivo a enésima prova do declínio do império americano. A incapacidade dos Estados Unidos de continuar gerando sedução além de suas capacidades objetivas evidentes e difíceis é a longa história da falta de liderança de uma potência que vem perdendo seu papel hegemônico em um tabuleiro global em plena recomposição há anos. Um processo que vem ocorrendo há muito tempo, mas este 6 de janeiro marcou um acontecimento importante aos olhos de todo o planeta, não importa o quanto o establishment americano tente dar a volta por cima e vendê-lo como uma catarse para acordar do pesadelo trumpista e assim tentar retomar a liderança global do mundo livre.

O outro lado da moeda será ver os outros populismos xenófobos da Internacional Reacionária se recomporem assim que seu expoente principal deixar a Casa Branca. No Brasil, nas Filipinas, na Índia e na Europa, mudanças importantes podem ser esperadas nos próximos anos. Que tudo mude novamente para que nada mude. Exceto a lepenização planetária dos espíritos que cresce no claro-escuro da desordem global. E se algo foi demonstrado por esta onda reacionária global no último período, foi sua enorme plasticidade e capacidade de adaptação a tempos de mudança.

Em *A Luz Que se Apaga* [01], um bom livro sobre a ascensão do iliberalismo reacionário, explica-se a janela de oportunidade que a presidência Trump criou ao longo dos anos para a

ascensão desta Internacional Reacionária. “Líderes autoritários de natureza reacionária que imitam Trump estão agora fazendo isso para dar um sofisticado verniz de legitimidade ao que eles pretendem fazer de qualquer forma. O presidente de direita do Brasil não imita Trump porque ele quer ser Trump, ele o imita porque Trump tornou possível para Bolsonaro ser ele mesmo” (3).

Como Le Pen, Vox ou Salvini, os Trump's oferecem um espantalho ao resto das elites para esconder suas próprias misérias e continuar a alimentar um mal-estar social e uma desordem global com impunidade a partir da justificação do mal menor. Mas ambos são filhos da ruína comum e crescem, entre outras coisas, ocupando o vácuo deixado pela ausência de alternativas em uma chave socialista, feminista e ecológica. Que o centro neoliberal extremo não é a única alternativa aos trunfos é também responsabilidade daqueles de nós que trabalham para levantar outros projetos da sociedade e outras formas de nos organizarmos. Caso contrário, quando acordarmos do pesadelo trumpista, haverá apenas a mesma longa noite neoliberal.

Enquanto isso, o capítulo já está sendo gravado no qual descobriremos se o que aconteceu na quarta-feira, 6 de janeiro no Capitólio deve ser lido como o estertor folclórico e impotente do trumpismo ou, melhor, como o amanhecer de sua mutação para se adaptar ao novo cenário: um trumpismo sem a Casa Branca e inclusive sem Trump.

1) Krastev, Ivan y Holmes Stephen, *La luz que se apaga*, Debate, Barcelona 2019, p. 470.